

Tem lá... variabilidade ou mudança a caminho?

Tem lá... variability or change on the way?

Tem lá... ¿variabilidad o cambio a camino?

Gessilene Silveira Kanthack

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/Brasil)
gskanthack@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-1352-436X>

Maria Alice Linhares Costa

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/Brasil)
m.alicelinhares@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-1063-2514>

RESUMO

Com base no pressuposto de que a estrutura linguística deve ser observada em seu contexto real de uso, como defende a abordagem sociofuncionalista, apresentamos, neste artigo, uma descrição e análise do uso de *tem lá* a partir de uma amostra sincrônica extraída de comentários informais veiculados na rede social *Twitter*. Demonstramos que, em situações específicas, o estatuto gramatical de *lá*, advérbio de lugar, altera de modo a desempenhar, junto com o verbo *ter*, um papel voltado para a orientação argumentativa. Defendemos que essa mudança, motivada por fatores de natureza pragmático-discursiva, corresponde a uma instância de gramaticalização, um processo de regularização gradual da língua.

PALAVRAS-CHAVE: *Tem lá*; Variabilidade; Mudança; Gramaticalização.

* Sobre as autoras ver página 250.



ABSTRACT

*Based on the assumption that the linguistic structure must be observed in its actual context of use, as endorsed by the sociofunctionalist approach, we present, in this article, a description and analysis of the use of *tem lá* (have there) from a synchronic sample extracted from informal comments published on the social network Twitter. We demonstrate that, in specific situations, the grammatical status of *lá* (there), adverb of place, changes in order to perform, combined with the verb *ter* (to have), a role focused on argumentative orientation. We argue that this change, motivated by factors of a pragmatic-discursive nature, corresponds to an instance of grammaticalization, a process of gradual regularization of the language.*

KEYWORDS: *Tem lá* (have there); Variability; Change; Grammaticalization.

RESUMEN

*Con base en el presupuesto de que se debe observar la estructura lingüística en su contexto real de uso, como defiende el abordaje sociofuncionalista, presentamos en este artículo una descripción y análisis del uso de *tem lá* a partir de una muestra sincrónica extraída de comentarios informales vehiculados en la red social Twitter. Demostramos que en situaciones específicas el estatuto gramatical de *lá*, adverbio de lugar, altera de modo a desarrollar junto con el verbo *ter* un papel direccionado hacia la orientación argumentativa. Defendemos que ese cambio, motivado por factores de naturaleza pragmático-discursiva, corresponde a una instancia de gramaticalización, un proceso de regularización gradual de la lengua.*

PALABRAS-CLAVE: *Tem lá*; Variabilidad; Cambio; Gramaticalización.

1 Introdução

A heterogeneidade e a variabilidade da língua podem ser notadas em várias situações de uso linguístico, por exemplo, quando recorremos a mais de uma forma para expressar um mesmo valor de verdade dentro de um mesmo contexto, ou quando usamos uma mesma forma com mais de uma função. Essas possibilidades de uso evidenciam que, em contextos específicos, formas e funções competem entre si, podendo a disputa se configurar em caso de estabilidade ou de mudança linguística.

Para captar essa dinamicidade da língua, abordagens como a *Teoria da Variação e Mudança Linguística*, o *Funcionalismo Linguístico* e o *Sociofuncionalismo* defendem a necessidade de se recorrer a usos em situações reais, pois é no e pelo uso da língua que formas e funções emergem, estruturas são modificadas e negociadas, padrões de uso se rotinizam e convencionalizam. Enfim, é durante o uso que se manifestam a variabilidade e a mudança linguística.

Assim, para descrever e explicar como se processam esses fenômenos linguísticos, essas abordagens mobilizam conceitos, princípios e metodologias que, juntos, possibilitam o estudo sistemático e a compreensão do funcionamento da língua(gem).

Nesse intuito, dependendo do fenômeno a ser investigado, é possível, por exemplo, “conjuguar princípios variacionistas e funcionalistas, numa clara demonstração de que esses modelos de análise se complementam a partir do pressuposto de que a língua é um fenômeno de constituição e de mostração social” (BAGNO; CASSEB-GALVÃO, 2017, p. 9). Esses autores fazem referência à abordagem sociofuncionalista, que tem propiciado mais rigor no tratamento a ser dado a fenômenos que emergem na língua, a exemplo daqueles que são frutos de gramaticalização, um tipo de mudança linguística entendida como um processo contínuo e gradual (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]; HOPPER; TRAUOGOTT, 1993; GÖRSKI; TAVARES, 2013).

Assim, tendo como base essas abordagens que levam em conta o uso efetivo de língua, apresentamos, neste artigo¹, uma descrição e análise do uso de *tem lá* a partir de uma amostra sincrônica extraída de comentários informais veiculados na rede social *Twitter*. Demonstramos que, em situações específicas, o estatuto gramatical de *lá*, advérbio de lugar, altera de modo a desempenhar, junto com o verbo *ter*, um papel voltado para a orientação argumentativa, ilustrando, assim, o caráter adaptativo e dinâmico do sistema linguístico do Português Brasileiro.

Defendemos que a mudança evidenciada pelo *lá*, na amostra analisada, se configura como uma instância de gramaticalização (HOPPER; TRAUOGOTT, 1993), pois o *lá* passa a assumir valores mais abstratos. Também, com base na premissa de que fatores de natureza interacional têm papel importante na variação e na mudança linguística (GÖRSKI; TAVARES, 2013), assumimos que essa mudança é motivada por fatores de natureza pragmático-discursiva, manifestados, por sua vez, na situação comunicativa.

Para fins práticos, organizamos o artigo assim: primeiro, a fim de esclarecer que a investigação desenvolvida está ancorada numa perspectiva de interface, relacionamos noções basilares que diferenciam/complementam as abordagens da *Teoria da Variação e Mudança Linguística*, do *Funcionalismo Linguístico* e do *Sociofuncionalismo*; segundo, destacamos alguns pressupostos da gramaticalização, pois nos amparamos nesse modelo para explicar a movimentação funcional que envolve o uso de *lá*; terceiro, apresentamos a descrição e análise (quantitativa e qualitativa) de nossa amostra. As considerações finais e as referências encerram o artigo.

¹ Agradecemos à profa. Dra. Valéria Viana Sousa, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB-Vitória da Conquista-BA), pela leitura e contribuições dadas a este trabalho.

2 Heterogeneidade, variação e mudança linguística: perspectivas de estudo

Consideradas propriedades inerentes às línguas naturais, a heterogeneidade, a variação e a mudança linguística têm sido objeto de estudo constante de perspectivas teóricas que levam em conta a língua em seu uso concreto, por exemplo, a *Teoria da Variação e Mudança Linguística*, o *Funcionalismo Linguístico* e o *Sociofuncionalismo*. A fim de explicar como elas dão conta das propriedades mencionadas, destacamos, nesta seção, concepções básicas mobilizadas por essas abordagens.

2.1 Teoria da Variação e Mudança Linguística

Considerada uma das vertentes da Sociolinguística, a *Teoria da Variação e Mudança Linguística* (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]; LABOV, 2008[1972]), também conhecida como *Sociolinguística Variacionista*, defende como premissa básica a ideia de que linguagem e sociedade estão indissolúvelmente entrelaçadas, uma influenciando e determinando o comportamento da outra. Nesse sentido, estudar a língua implica considerar a sociedade em que é falada, ou melhor, a comunidade linguística que, segundo Alkmin (2001, p. 31), corresponde a “um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos”. É na comunidade de fala que, naturalmente, vão se manifestar a heterogeneidade, a variação e a mudança linguística.

O interesse por compreender esses fenômenos, à luz da teoria, fundada principalmente pelas pesquisas desenvolvidas por William Labov, possibilitou o desenvolvimento de um instrumental metodológico que permite captar sistematicamente a heterogeneidade linguística. Por meio da metodologia laboviana, é possível estudar “qualquer fenômeno variável nos diversos níveis e manifestações linguísticas” (NARO, 2003, p. 25), compreender “a inter-relação e a competição entre as diversas variáveis e entre os diversos fatores em jogo [...] e os eventuais processos de mudança linguística subjacentes à variação linguística ou à heterogeneidade ordenada” (SCHERRE; NARO, 2003, p. 176).

Para dar conta da variação e da mudança, a teoria mobiliza vários conceitos e, dentre eles, destacamos: variável e variantes. A variável linguística corresponde a “um elemento variável dentro do sistema controlado por uma única regra” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968], p. 105); já variantes linguísticas, conforme Tarallo (1999, p. 8), “são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”. Ampliando o esclarecimento a respeito desses conceitos, Mollica (2003) afirma:

[...] o termo 'variável' pode significar fenômeno em variação e grupo de fatores. Estes consistem nos parâmetros reguladores dos fenômenos variáveis, condicionando positiva ou negativamente o emprego de formas variantes. As variantes podem permanecer estáveis nos sistemas (as mesmas formas continuam se alternando) durante um período curto de tempo ou até séculos, ou podem sofrer mudança, quando uma das formas desaparece (MOLLICA, 2003, p. 11).

Os parâmetros reguladores a que se referem a autora são os chamados agentes internos (linguísticos) e externos (extralinguísticos), que, por sua vez, “não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes” (MOLLICA, 2003, p. 27). São esses agentes que motivam, assim, a escolha entre uma ou outra variante, o aumento ou a diminuição de sua frequência na língua. Uma perspectiva como essa possibilita, então, “investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático” (MOLLICA, 2003, p. 11).

A propósito, estabilidade e competição são duas palavras-chave para a Sociolinguística Variacionista, estando a primeira associada à situação de variação e a segunda, à situação de mudança. Ao analisar casos dessa natureza, nota-se que a variação é potencialmente um desencadeador da mudança. No entanto, vale destacar que “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968], p. 125).

Como se pode perceber, para essa teoria, variação e mudança estão intimamente inter-relacionadas. Mesmo que o estágio de uma variante seja de estabilidade (variação), é possível fazer previsões a respeito do seu futuro no sistema da língua: pode mudar ou não.

2.2 Funcionalismo Linguístico

Para o *Funcionalismo Linguístico*², a língua é um instrumento de interação social, e, para compreendê-la, é necessário ir além da estrutura gramatical, buscar “no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua” (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2015, p. 21). Nesse âmbito, a língua é entendida como um sistema funcional e adaptativo, que permite ao

²O Funcionalismo, aqui, é o de vertente norte americana, desenvolvido por autores como Givon, Thompson, Hopper, entre outros. No Brasil, os estudos guiados por essa vertente ganharam impulso a partir da década de 1980, tendo, como destaque, estudiosos como: Naro, Votre, Martelotta, Cezario, Oliveira, Furtado da Cunha, entre outros (FURTADO DA CUNHA, 2008).

falante fazer escolhas, negociar e ajustar formas e funções para atender a seus interesses comunicativos.

Tendo essa concepção, o entendimento é que as estruturas linguísticas produzidas pelos falantes não podem ser analisadas como objetos autônomos, mas, sim, como estruturas flexíveis e permeáveis às pressões do uso, dinâmicas e sujeitas a reelaborações constantes (CASTILHO, 2012). As estruturas não são arbitrárias, elas refletem regularidades, logo, o interesse dos funcionalistas é “explicar regularidades dentro das línguas e por meio delas, em termos de aspectos recorrentes das circunstâncias sob as quais as pessoas usam a língua” (NEVES, 2018, p. 34).

Isso implica dizer que a gramática de uma língua deve ser concebida como um conjunto de regularidades, captadas a partir da sua relação com o contexto, onde ocorre a interação verbal, pois, segundo Dik (1989), é na interação que o falante escolhe e decide o que vai ou não usar. Em sendo a gramática dependente da situação discursiva, dos interlocutores no processo de interação verbal, o pressuposto é que há uma estreita relação entre as estruturas linguísticas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos efetivos de comunicação. Logo, fenômenos de variação e mudança estão associados a processos de regularização do uso de uma língua. O que se nota, então, é que a gramática não é estática, as regras gramaticais admitem variabilidades, são moldadas (e modificadas) pelo uso. Do ponto de vista evolutivo, a gramática de uma língua “está num contínuo fazer-se, o que nos permite falar de uma relativa instabilidade da estrutura linguística [...] Do ponto de vista sincrônico, entende-se por ‘gramática’ o conjunto de regularidades decorrentes de pressões cognitivas e, sobretudo, de pressões de uso” (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2015, p. 42).

A propósito, pressões cognitivas e pressões de uso contribuem para o processamento da organização linguística, permitindo que os falantes, durante a interação verbal, façam as adaptações necessárias para satisfazer os seus propósitos comunicativos. Assim, nessa dinâmica, é natural o surgimento de novos padrões, novas estruturas, novas funções, “quer por necessidades comunicativas não satisfeitas, quer pela ausência de designações linguísticas para determinados conteúdos cognitivos” (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CESÁRIO, 2015, p. 45).

Ao lidar com usos efetivos de língua, vêm à tona, de um lado, as variações, e de outro as mudanças, ambos os fenômenos analisados, na perspectiva funcionalista, em termos de regularidades e de motivações advindas das circunstâncias comunicativo-funcionais. O pressuposto é que as pressões do uso vão influenciar a estrutura gramatical, a multifuncionalidade e a sistematicidade dos itens linguísticos. Assim, conforme Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2015, p. 42), nos processos de regularização, “tudo começa sem regularidade, exatamente por ter acabado de começar, mas se regulariza com o uso, com a repetição, passando a exercer pressão suficiente para se fazer

com o que no começo era casuístico se fixe e se converta em norma, entrando na gramática”.

Nessa ótica, a gramática de uma língua não deve ser entendida como um produto estável, fechado, mas, sim, susceptível às pressões do uso. No dizer de Tavares (2012), a gramática de uma língua está em um constante processo de constituição, que é gradual e sempre dirigido pelo discurso³. Assim, o pressuposto assumido é que gramática e discurso estão intimamente relacionados, no sentido de que a estrutura gramatical molda o discurso e por ele é moldada. Isso significa assumir que a pragmática está integrada aos componentes sintáticos e semânticos da gramática (NEVES, 2018).

2.3 Sociofuncionalismo

Para o *Sociofuncionalismo*, vertente teórica que articula postulados da *Teoria da Variação e Mudança Linguística* e do *Funcionalismo Linguístico*, conforme Tavares (2013) e Görski e Tavares (2013), a língua, enquanto entidade heterogênea, variável, em constante mudança, só pode ser compreendida se levar em consideração o contexto real de comunicação. Para essa perspectiva, as estruturas gramaticais são negociadas e adaptadas a cada situação comunicativa/contexto discursivo; por isso, fatores cognitivos e discursivo-pragmáticos são incluídos no rol de fatores linguísticos e extralinguísticos usados para explicar os fenômenos de variação e de mudança linguística. Sob essa ótica, conforme Cezario, Marques e Abraçado (2016, p. 53), ao investigar um fenômeno linguístico, deve-se observar “quais fatores de ordem estrutural, pragmático-discursiva, cognitiva ou social podem estar envolvidos no uso de uma ou outra forma linguística, a inter-relação estabelecida entre tais fatores e, conseqüentemente, qual(is) deles seria(m) o(s) fator(es) [...] mais forte(s)”.

Görski e Tavares (2013) esclarecem que, dentre os aspectos que aproximam a *Sociolinguística Variacionista* e o *Funcionalismo Linguístico*, estão: a variabilidade, um fenômeno sempre presente nas gramáticas das línguas, que é regular e segue padrões que não são livres e aleatórios, e pode ser descrita e analisada sistematicamente; a centralidade atribuída ao uso linguístico, à língua efetivada usada em situações reais de interação verbal; a mudança como um processo contínuo e gradual, que se espalha ao longo do espectro linguístico e social; e o tratamento empírico com quantificação estatística usada para atestar fenômenos de variação e mudança.

E, para o desenvolvimento de uma pesquisa sociofuncionalista, as autoras afirmam que são ações comuns:

³ De acordo com Tavares (2012, p. 34), o discurso, nessa perspectiva, “pode ser definido como um mosaico sempre provisório”, composto de construções lexicais e gramaticais, “sob influência de uma gama de fatores que condicionam cada situação discursiva”.

(i) identificação de situações de uso linguístico variável dentro de um domínio funcional; (ii) operacionalização da noção laboviana de variável, isolando formas variantes que desempenhem uma mesma função dentro de um domínio funcional; (iii) testagem de grupos de fatores diversos para identificar os contextos (linguísticos, discursivos, estilísticos, sociais) de uso das formas; (iv) detalhamento de cada grupo de fatores buscando captar variações e mudanças em curso ainda sutis (considerando inclusive sobreposição de funções), e posterior amalgamação de fatores em busca de generalizações; (v) interpretação da frequência das formas em determinados contextos como indício de: (a) perda de espaço de uma das variantes, (b) generalização de significado (os itens expandem seus contextos de uso), ou (c) especialização de uso (os itens adquirem significados mais específicos restritos a certos contextos dentro do domínio) (GÖRSKY; TAVARES, 2013, p. 91-92).

No que se refere à frequência de uso, é de extrema importância num estudo sociofuncionalista, pois os seus efeitos vão apontar, por exemplo, a detecção do nível de espraiamento do fenômeno analisado, a verificação do grau de variabilidade/estabilidade ou do grau de desenvolvimento em que se encontra a mudança linguística. Conforme Tavares (2012, p. 36), “a frequência de uso é um importante fator no estabelecimento e na manutenção da gramática, possibilitando a emergência de novas construções”, bem como o favorecimento de sua rotinização.

Por fim, vale destacar que os sociofuncionalistas trabalham com a ideia “de que as categorias linguísticas não são discretas, não apresentam linhas limítrofes, bem delineadas” (CEZARIO; MARQUES; ABRACADO, 2016, p. 46). Trata-se de uma concepção muito relevante para os estudos de variação e mudança, pois nos direciona a relativizar as fronteiras categoriais, a entender que os itens linguísticos, a depender dos contextos de uso, podem estender seus sentidos e suas funcionalidades, adquirir novas propriedades, mudar de categoria gramatical; afinal, a gramática é dinâmica, instável, podendo variar entre os falantes e ao longo do tempo; é um sistema que permite ao falante fazer as adaptações necessárias, pertinentes aos contextos comunicativos, o que, conseqüentemente, pode propiciar transformações, como, por exemplo, a mudança por gramaticalização, um processo de regularização de uso da língua. Esse fenômeno de mudança tem sido um dos temas frequentemente estudado por estudiosos sociofuncionalistas.

3 Gramaticalização: conceitos e princípios

Segundo Gonçalves et al. (2007), os estudos iniciais voltados a esse fenômeno de mudança datam do século X na China, posteriormente se desenvolvendo ao longo dos séculos XVII, XVIII e, mais precisamente, no

século XX, com Meillet (1912), autor responsável pelo termo *gramaticalização* e por um dos conceitos mais difundidos: “passagem de uma palavra autônoma à função de elemento gramatical” (GONÇALVES et al., 2007, p. 19).

Tendo esse conceito como base, outros autores aprimoraram o que se denomina por gramaticalização. Dentre eles, destacam-se Hopper e Traugott (1993, p. 1) que concebem o fenômeno como um processo através do qual, “itens ou construções lexicais, em determinados contextos linguísticos, assumem funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”.⁴ A propósito, itens lexicais, conforme Hopper e Traugott (1993), também conhecidos como *palavras de conteúdo* – nomes, verbos e adjetivos – são de natureza autônoma e servem para informar e descrever coisas, ações, eventos, etc. Já, itens gramaticais, também chamados de *palavras funcionais* – preposições, advérbios, conectivos etc – são usados para indicar relações entre itens linguísticos, para estabelecer relações pragmático-discursivas etc.

Gramaticalização, em termos práticos, pode ser tomada em dois sentidos relacionados:

[...] a gramaticalização *stricto sensu* ocupa-se da mudança que atinge as formas que migram do léxico para a gramática; a gramaticalização *lato sensu* busca explicar as mudanças que se dão no interior da própria gramática, compreendendo aí os processos sintáticos e/ou discursivos de fixação da ordem vocabular (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2015, p. 43).

Também, a gramaticalização pode ser mapeada a partir de perspectivas diacrônica ou sincrônica (GONÇALVES et al., 2007)⁵. Na primeira, consideram-se as fontes das formas gramaticais e os percursos típicos de mudança. Na segunda, compreendendo a gramaticalização como um fenômeno sintático ou discursivo-pragmático, levam-se em conta modelos fluidos de uso linguístico, sendo o percurso explicado a partir de um *continuum*, uma escala imaginária em que se encontram, por exemplo, formas que estão em pleno rearranjo de funções na língua.

Ao explicar a mudança dentro de um *continuum*, Hopper e Traugott (1993, p. 95) explicam que ela opera de modo unidirecional, da esquerda para a direita⁶: “existe uma relação entre dois estágios A e B, tal que A ocorre antes

⁴ No original: “lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions or how grammatical items develop new grammatical functions”.

⁵ Outra possibilidade de mapear a mudança por gramaticalização é aliar as duas perspectivas, isto é, a partir de uma percepção pancrônica da língua, uma proposta bastante difundida nos estudos funcionalistas.

⁶ Vale dizer que há autores que apresentam argumentos contrários à ideia da unidirecionalidade. Mas, segundo Martelotta (2011, p. 106), embora existam “processos inversos, os estudiosos da gramaticalização frisam o caráter idiosincrático desses exemplos e sua insignificância estatística diante da abundância de casos de gramaticalização”.

de B, mas não o inverso”⁷. É uma mudança que não ocorre de forma abrupta e repentina, “como se as formas saltassem de um domínio funcional a outro, mas se caracteriza por um desenrolar contínuo, lento, gradual, que exhibe evoluções passo a passo”, evidenciando, “estágios que se interseccionam ao longo do percurso” (GÖRSKI; TAVARES, 2017, p. 51).

Várias escalas já foram propostas para explicar os deslizamentos funcionais dos itens linguísticos. De modo geral, elas indicam que a mudança se dá na seguinte direção: formas com significados mais concretos passam a desempenhar significados menos concretos. Uma dessas escalas é a de Heine, Claudi e Hünemeyer (1991): ESPAÇO > (TEMPO) > TEXTO. Na visão desses autores, essa escala indica que, progressivamente, formas se associam a significados mais abstratos, partindo da categoria espaço, com noção mais concreta, podendo passar ou não pela categoria de tempo, e desembocar na categoria de texto, noção mais abstrata.

O desenvolvimento desses estágios e a efetivação da gramaticalização estão diretamente relacionados à frequência de uso, um mecanismo que influencia diretamente no processo de mudança. Segundo Vitral (2006, p.155), se um determinado item estiver em processo de gramaticalização, a tendência é: “a) que sua frequência de uso aumente; b) que a sua frequência quando em função gramatical aumente; c) que a sua frequência quando em função lexical diminua”. Ou seja, ao captar a frequência de uso de um determinado item, é possível verificar se as mudanças estão sendo regulares ou não, se estão indicando efetivação da gramaticalização ou não. Enfim, por meio da frequência, pode-se atestar os efeitos do uso no sistema da língua.

3.1 Gramaticalização-variação: a relevância dessa interface para um estudo sociofuncionalista

Estudar a gramaticalização e a variação em uma perspectiva de interface, a exemplo da abordagem sociofuncionalista, tem possibilitado avanços na compreensão desses fenômenos que tanto impactam o uso da língua. Conforme Görski e Tavares (2017, p. 35), “o tratamento da variação linguística pode ser aprimorado com subsídios vindos de estudos sobre gramaticalização, assim como a análise do processo de gramaticalização pode ser enriquecida com informações provenientes de análises variacionistas”.

Ao incorporar as duas abordagens nos estudos da variação e da mudança por gramaticalização, várias contribuições podem ser apontadas. Dentre elas, destacamos, conforme Görski e Tavares (2017): por um lado, a gramaticalização ajuda a (i) identificar como e quando surge uma variante de uma determinada variável linguística; (ii) fornecer hipóteses de natureza diacrônica para explicar padrões sincrônicos de formas variantes; (iii) delimitar

⁷ No original: “relationship between two stages A and B, such that A occurs before B, but not vice versa.”

a variável linguística (que pode ser mais estrita ou mais ampla); por outro lado, a sociolinguística auxilia (i) na definição de que se deve analisar em conjunto outras formas que codificam uma mesma função gramatical, ou seja, formas coexistentes no sistema; (ii) e, com análises multivariadas, na identificação de mudanças sutis envolvendo as formas variantes.

Embora a Sociolinguística foque no estudo da variação levando em conta formas variantes com o mesmo valor de verdade (diferentes formas que codificam o mesmo significado), a teoria também admite “uma abertura para o tratamento variacionista da multifuncionalidade” (GÖRSKI; TAVARES, 2017, p. 37). E é esse enfoque dado pelos estudos de gramaticalização: uma forma com mais de uma função. Mesmo sendo enfoques diferenciados, em ambas as abordagens está prevista a existência da variabilidade. Nesse sentido, podemos dizer que, no caso de gramaticalização, quando se observam as diferentes funções de uma forma, em um determinado recorte, o que há, ali, é uma competição, como ocorre nos casos de variação.

Para justificar isso, é necessário associar a noção de variável linguística à de domínio funcional. Explicando: no âmbito da variação, duas ou mais variantes que compõem uma variável linguística competem entre si; no âmbito funcionalista, duas ou mais camadas (formas linguísticas - variantes) podem coexistir em um mesmo domínio funcional, entendido, aqui, “como uma área coberta por (macro)funções/significações gramaticais que se projetam, via codificação, em mecanismos linguísticos que se articulam de forma mais, ou menos, recorrente e regularizada em diferentes níveis” (GÖRSKI; TAVARES, 2017, p. 49).

Em um domínio funcional, o que se nota, no caso de mudança por gramaticalização, é a existência de fases ou estágios que caracterizam o desenrolar do processo. Para explicar isso, Hopper (1991) propõe cinco princípios. Dentre eles, destacamos: a estratificação, a persistência e a especialização.

O princípio da estratificação é usado para explicar que, em um domínio funcional amplo, novas camadas podem surgir continuamente, e, assim, as camadas mais antigas podem permanecer para coexistir e interagir com as camadas mais recentes. Assim, dentro de um *continuum*, quando há a mudança de um item e sua eventual inserção em outro domínio funcional, temos, ali, um caso de estratificação, ou, no âmbito sociolinguístico, um caso de variação. Quanto ao princípio da persistência, como o próprio nome diz, indica que traços do significado original de uma forma submetida à gramaticalização podem permanecer nos novos usos, ou seja, nas novas camadas/variantes. E, em relação ao princípio da especialização, diz respeito a um estreitamento da variedade de escolhas, determinando que uma forma em mudança pode assumir funções especializadas em alguns contextos.

Para encerrar esta seção, vale destacar que o pesquisador que se propõe a realizar um estudo de natureza sociofuncionalista adotará, conforme o fenômeno a ser investigado, uma postura ou mais variacionista ou mais

funcionalista. Assim, em nossa análise, apresentada na próxima seção, contemplaremos mais a abordagem funcionalista, pois assumimos que o uso de *tem lá* evidencia uma situação de mudança por gramaticalização.

4 *Tem lá* no Português Brasileiro: descrição e análise

Além de seu uso categorial prototípico, advérbio de lugar, o item *lá* é usado no Português Brasileiro com uma diversidade de funções⁸ que evidenciam a sua natureza polissêmica e o caráter maleável do sistema gramatical dessa língua. A fim de demonstrar isso, em nossa análise, contemplamos um uso específico de *lá* com o verbo *ter*, pois, em uma outra amostra⁹, detectamos padrões em que esse locativo se vincula, de modo integrado, em termos de forma e de sentido, a diferentes tipos de verbos, dentre eles, o *ter*.

A nossa amostra foi constituída de dados coletados no *Twitter*, em um período de três dias consecutivos do mês de janeiro de 2021. Embora tenha sido um curto período de tempo, a quantidade de dados e as situações evidenciadas foram relevantes para o propósito deste artigo: demonstrar que o uso de *lá*, no *corpus* analisado, indica uma situação de mudança por gramaticalização.

Como era esperado, o *lá* foi mais usado em sua função de advérbio de lugar, com uma atuação dêitica¹⁰, fazendo referência a um espaço físico, de natureza concreta, como ilustram os exemplos em (1)¹¹:

- (1) a. Alguém, por favor, entra no meu guarda-roupa, tira tudo que **tem lá** e bota umas roupas melhores? (@Fer_Capelini, *Twitter*, 23 jan. 2021).
- b. Obvio que tu não sabe do que fala, Coreia do Sul não tem plano de aposentadoria porque acreditam que os filhos tem que cuidar dos pais. O que mais **tem lá** é velho passando fome. (@_zaphira, *Twitter*, 24 jan. 2021).

⁸ Dentre os trabalhos que podem ser consultados para entender a multifuncionalidade desse locativo, destacamos: Teixeira (2011); Oliveira (2012); Araújo (2015); Oliveira (2018); Oliveira; Sambrana (2018); Kanthack; Sousa (2020).

⁹ Referimo-nos a resultados da pesquisa “Padrões de uso instanciados pela construção verbo e locativo *lá* [VLoc*lá*] no português: uma abordagem construcional”, desenvolvida, em estágio de pós-doutorado, por Dra. Gessilene Silveira Kanthack, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC-Ilhéus-BA). A pesquisa foi supervisionada pela profa. Dra. Valéria Viana Sousa, no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB-Vitória da Conquista-BA).

¹⁰ A natureza dêitica desse tipo de advérbio o faz aproximar da classe de pronomes, e, por isso, são chamados, também, de pronomes adverbiais (CASTILHO, 2010).

¹¹ Todos os exemplos estão assim referenciados: Conta. *Local de publicação*. Data de publicação.

c. A amiga da minha mãe montou um brechó perfeito e eu to me acabando nas plantinhas e cactos q **tem lá** (@gabiptrindade *Twitter*, 25 jan. 2021).

Como se pode notar, nas três situações, o *lá* tem como referência, respectivamente, guarda-roupa (1a), Coreia do Sul (1b) e brechó (1c), espaços considerados físicos/concretos. Desse valor espacial prototípico, percebemos que um outro uso, similar ao de (1), também era recorrente na amostra. Vejamos isso em (2):

(2) a. Eu tô com tanto ódio tem gente tentando usar aqueles sites pra ver as fotos que ele tem na conta privada eu juro que vou me jogar (...) se é privada é pq ele não quer que qualquer um veja oq **tem lá**...(@theoioikid, *Twitter*, 23 jan. 2021).

b. E o tema de hoje é perfeito para eu falar obviamente do 'The Sanchelin Guide', que é um conteúdo individual no meu no canal do Ateez, onde eu experimento variadas comidas e faço uma resenha crítica. Aliás já tem 3 episódios e quem quiser ver eu lindo **tem lá** no YouTube. (@SOSCH0I, *Twitter*, 24 jan. 2021).

c. Quem vai de Hitman III? **Tem lá** no site. Chega 29/01. (@CadeMeuJogo, *Twitter*, 25 jan. 2021).

Nesses exemplos, o espaço a que se refere o locativo é de natureza virtual, relacionado ao ambiente digital: (2a) conta privada, (2b) youtube, (2c) site. Trata-se de um uso que indica um deslocamento de traços do *lá*, de espacial físico/concreto (1) para espacial não-físico/abstrato (2).

Apesar de ser uma mudança sutil, o *lá* continua exercendo a sua função de advérbio com função espacial. Seja em (1), seja em (2), a relação sintática estabelecida com o verbo não é tão forte, pois é possível alterar a posição do locativo sem alterar o sentido: *tira tudo que lá tem e bota umas roupas melhores... O que mais lá tem é velho passando fome... nas plantinhas e cactos q la tem... ele não quer que qualquer um veja oq lá tem... quem quiser ver eu lindo lá tem no YouTube. Quem vai de Hitman III? Lá Tem no site.*

Nessa função de advérbio espacial, a caracterização de *lá* normalmente é determinada a partir de duas dimensões: “a geográfica, envolvendo um recorte ‘espacial-geográfico’ de maior ou menor distanciamento, e a ‘pessoa’ do discurso, cujo ponto de referência é o contexto enunciativo” (BRAGA; PAIVA, 2012, p. 54). No que se refere a essa segunda dimensão, encontramos em Neves (2011) a explicação de que o *lá*, ao lado de *aquí* e *aí*, integra um conjunto de formas que indicam

[...] uma circunstanciação ancorada no circuito de comunicação, referida aos participantes do discurso ou a pontos de referência do texto, numa escala de proximidade espacial. Assim, em princípio, **AQUI** indica lugar próximo ao falante (**primeira pessoa** do discurso), **AÍ** indica lugar próximo ao ouvinte (**segunda pessoa** do discurso) e **LÁ** indica lugar distante do falante e do ouvinte (**terceira pessoa** do discurso) (NEVES, 2011, p. 258) (Grifos da autora).

Assim, no dizer da autora, esses advérbios funcionam como estratégias para localizar as posições que ocupam os participantes (locutor e ouvinte) no contexto comunicativo. Em se tratando do *lá*, como vemos nas palavras de Neves (2011), ele é usado para indicar maior distanciamento, tanto em relação ao falante quanto ao ouvinte. Essa ideia, por sua vez, está presente nos usos que demonstramos em (3):

- (3) a. Realengo **tem lá** seus defeitos, mas eu adoro esse lugar gente, consigo comprar tudo andando, muita das vezes sem nem sair da minha rua. (@vianaathais, *Twitter*, 23 jan. 2021).
- b. Essa proposta de encher o caneco ao vivo para um Brasil de audiência **tem lá** os seus riscos né. (@GustavoMehl, *Twitter*, 24 jan. 2021).
- c. A vontade é de falar mil e uma coisas, mas ficar em silêncio **tem lá** suas vantagens (@StteAlves18, *Twitter*, 25 jan. 2021).
- d. As vezes eu acho que tudo tá indo bem, que a correria **tem lá** sua sorte, que a vida vai pra algum lugar e aí você só precisa de alguns minutos pra cair e todas as outras coisas caem junto. (@18GMEMBER, *Twitter*, 23 jan. 2021).

Nesses usos, notamos que o *lá* não é usado para indicar uma orientação espacial, como vimos em (1) e (2). Assumimos que em (3) o *lá* migra de uma função espacial para uma função pragmático-discursiva, passando a atuar estrategicamente em prol da orientação argumentativa. No caso, o sentido estabelecido extrapola os limites do enunciado, pois o falante imprime marcas de sua subjetividade e marcas que orientam como o interlocutor deve interpretar o que está sendo dito (intersubjetividade).

Assim, defendemos que, nesses usos, o *lá* está sendo usado como um modalizador, que, de acordo com Neves (2011, p. 244), tem “como característica básica expressar alguma intervenção do falante na definição da validade e do valor de seu enunciado”. É uma modalização do tipo epistêmica asseverativa, usada para asseverar, “marcar uma adesão do falante ao que ele diz, adesão mediada pelo seu saber sobre as coisas” (NEVES, 2011, p. 245). Temos evidente com esse tipo de modalização a marca da subjetividade, pois o falante tem conhecimento dos fatos e faz uma avaliação sobre eles.

Também notamos que, ao usar o *lá* como elemento asseverador, o locutor se apropria da ideia do distanciamento veiculada por tal item para não se comprometer em relação ao que está sendo dito, e, “com isso, revela baixo grau de adesão ao enunciado, criando um efeito de atenuação” (NEVES, 2011, p. 247). Ou seja, o distanciamento expresso pelo *lá* caracteriza o tipo de comportamento (não comprometimento) que o locutor manifesta com o seu dizer. Como a ideia do distanciamento também se aplica ao interlocutor, a orientação dada, na situação interativa, é que ele também deve ter uma atitude de afastamento, no caso, relativizar o modo como irá interpretar o conteúdo que está sendo dito. Temos, então, a marca da intersubjetividade: o locutor atuando sobre o interlocutor.

A propósito, a subjetividade e a intersubjetividade são mecanismos pragmático-discursivos acionados no ato comunicativo interacional por meio da inferência sugerida, que, conforme Traugott e Dasher (2005), corresponde a uma estratégia segundo a qual o locutor desenvolve a expectativa de que o interlocutor partilhe suas crenças, opiniões e atitudes. Assim, defendemos que o *lá*, como modalizador asseverador, é motivado funcionalmente por esses mecanismos.

Também sustentamos que, ao desempenhar tal função, a relação sintática estabelecida entre verbo e locativo é diferente dos casos de (1) e (2). Em (3), se alterarmos a ordem do locativo em relação ao verbo, o efeito de sentido parece ser alterado: *Realengo lá tem seus defeitos...; um Brasil de audiência lá tem os seus riscos...; ficar em silêncio lá tem suas vantagens...; a correria lá tem sua sorte.*

A fim de demonstrar a frequência dos usos na amostra analisada, apresentamos a tabela I, com a categorização das funções adaptada da proposta de Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), espaço > texto, ou, em outras palavras, concreto > abstrato:

Tabela 1: Frequência dos usos e funções de *lá*

Lá [+concreto]		Lá [-concreto]		Lá [textual]	
Oc.	%	Oc.	%	Oc.	%
48	43,2	38	34,2	25	22,6

Fonte: Elaboração própria

Como já havíamos anunciado, o *lá* em sua função de advérbio de lugar foi mais recorrente. No entanto, a referenciação é de dois tipos de espaços. O primeiro [+concreto], que corresponde à função prototípica de *lá*, teve uma frequência de 43,2%; o segundo [-concreto] também teve um uso bastante acentuado, 34,2%, totalizando, assim, a 77,4% dos casos. Já, na função textual, com o *lá* atuando como modalizador, registramos 22,6% de ocorrências.

Em termos sociofuncionalistas, os nossos resultados apontam que: (i) temos em uso uma forma com mais de uma função, o que indica variabilidade

funcional, logo, funções em competição; (ii) o *lá*, inicialmente usado com sentido mais concreto, passa a expressar sentidos menos concretos, o que, em um *continuum* de gramaticalização, conforme proposta de Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), pode ser representado assim: espaço > texto, ou concreto > abstrato; (iii) na categoria à direita, o *lá* é mais concreto, pois ele se refere a um espaço físico; na categoria intermediária, é menos concreto, pois ele tem como referente um espaço virtual; na categoria à esquerda, é menos concreto ainda, pois, como modalizador, atua no nível do texto; (iv) em termos de domínio funcional, três camadas/variantes coexistem, antigas (espacial) e mais recente (textual), evidenciando uma situação de estratificação/variação; (v) nas duas primeiras camadas, temos intersecções, pois, embora os traços sejam diferenciados, as formas ainda se referem a espaços; (vi) traço da forma prototípica (distanciamento) permanece na função modalizadora (textual), indicando a atuação do princípio da persistência; (vii) a função modalizadora (textual) se especializa com o locativo posposto ao verbo, e não o contrário, confirmando a atuação do princípio da especialização; (viii) a frequência de uso atesta que a função espacial é a mais recorrente, mas sinaliza que a função modalizadora (textual) também seu lugar na gramática do Português Brasileiro; (ix) sincronicamente, os dados evidenciam um percurso de gramaticalização, com padrões de uso indicando uma mudança a caminho (advérbio > modalizador); (x) a função modalizadora é motivada funcionalmente por mecanismos pragmático-discursivos, como a subjetividade (com marcas de avaliação do locutor) e a intersubjetividade (com marcas de atuação do locutor sobre o interlocutor).

5 Considerações finais

Assim como a variação, que é explicada em função de fatores linguísticos e extralinguísticos, a mudança linguística, na visão sociofuncionalista, também pode ser explicada a partir de fatores diversos. Particularmente, a incorporação de fatores interacionais ligados à negociação entre falante e ouvinte na situação comunicativa tem possibilitado a ampliação de estudos que contemplam padrões de uso que evidenciam mudança por gramaticalização.

Com o propósito de contribuir com esses estudos, demonstramos, a partir de uma amostra constituída de comentários informais veiculados na rede social *Twitter*, a funcionalidade/variabilidade envolvendo o item *lá* ao lado do verbo *ter*. Além de ser usado com sua função prototípica/advérbio de lugar (indicando espaço concreto), constatamos dois outros usos: em um, a função é também de advérbio, porém o espaço a que se refere não é mais físico/concreto; em outro, o uso indica uma mudança bastante substancial, pois a função desempenhada não é mais de advérbio, e, sim, de modalizador, uma estratégia pragmático-discursiva ativada por fatores interacionais, envolvendo locutor e interlocutor.

Justificamos, em nossa análise, que o uso de *lá* evidencia uma situação de mudança por gramaticalização, um fenômeno que, na interface sociolinguística-funcionalismo, é visto como um movimento de rotinização gramatical (do concreto para o abstrato; ou do espaço para o texto), um processo de regularização gradual decorrente de adaptações feitas pelos falantes.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, T. M. Sociolinguística (Parte I). In: MUSSALIN, F.; BENTES A. C. (Org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21- 43.

ARAUJO, D. P. B. de. **A diversidade de usos da partícula LÁ na língua falada no semiárido**. 2015, 168 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Universidade Estadual de Feira de Santana-BA, 2015.

BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V. Mudança linguística: Fenômeno sociocognitivo de base funcional. In: BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V.; REZENDE, T. F. **Dinâmicas funcionais da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017. p. 9-33.

BRAGA, M. L.; PAIVA, M. da C. Multifuncionalidade categorial e funcional da proforma *aí*. In: SOUSA, E. R. de. (Org.) **Funcionalismo linguístico**: análise e descrição. São Paulo: Contexto, 2012, p. 53-65.

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTILHO, A. T. de. Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro. In: SOUZA, E. R. de (Org.). **Funcionalismo linguístico**: novas tendências teóricas. São Paulo: Contexto, 2012. p. 17-42.

CEZARIO, M. M.; MARQUES, P. M.; ABRAÇADO, J. Sociofuncionalismo. In: MOLLICA, M. C.; FERRAREZI JR, C. **Sociolinguística, sociolinguísticas**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2016, p. 45-61.

DIK, S. C. **The theory of functional Grammar**. Parte 1: The structure of the clause. Dordrecht: Foris Publication, 1989.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. et al. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 157-176.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.) **Linguística funcional**: teoria e prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 21-47.

GONÇALVES, S. C. L. et al. Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (Orgs.) **Introdução à Gramaticalização**: Princípios teóricos & aplicação. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p. 15-66.

GÖRSKY, E. M.; TAVARES, M. A. Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. **Revista do GELNE**, v. 15, N° especial, p. 79-101, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9411>>. Acesso em: jan. 2021.

GÖRSKY, E. M.; TAVARES, M. A. O objeto de estudo na interface variação-gramaticalização. In: BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V.; REZENDE, T. F. **Dinâmicas funcionais da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017. p. 35-63.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. **Grammaticalization**: a conceptual framework. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P. J. One Some Principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT; E. C.; HEINE, B. (Orgs.). **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p.17-36.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

KANTHACK, G. S.; SOUSA, V. V. O locativo *lá* com subparte de uma construção negativa no Português Brasileiro. In: ABBADE, C. M. de S.; CARVALHO, C. dos S.; SANTOS, E. S. dos. (Orgs.) **Linguagem, discurso e sociedade**: caminhos que se entrecruzam. Salvador: EDUFBA, 2020. (No prelo).

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2008[1972].

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução a Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003a, p. 9-14.

MOLLICA, M. C. Relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução a Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003b, p. 27-31.

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 15-25.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

NEVES, M. H. de M. **Gramática Funcional: interação, discurso e texto**. São Paulo: Contexto, 2018.

OLIVEIRA, M. R. Padrões construcionais formados por pronomes locativos no português contemporâneo do Brasil. **Revista Linguística**. Rio de Janeiro, volume 8, número 1, p. 49-61, 2012. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>>. Acesso em: jan. 2021.

OLIVEIRA, M. R.; SAMBRANA, V. R. M. Marcadores discursivos de base perceptivo-visual: uma abordagem construcional. **Revista Confluência**. Rio de Janeiro, vol. 55, p. 327-349, 2018. Disponível em: <<http://lp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/view/252>>. Acesso em: jan. 2021.

OLIVEIRA, M. R. O afixoide *lá* em construções do português: perspectivização espacial e (inter)subjetificação. **Revista Linguística**, v. 14, p. 109-129, 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/14911>>. Acesso em: jan. 2021.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, M.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 147-177.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1999.

TAVARES, M. A. Gramática emergente e o recorte de uma construção gramatical. In: SOUSA, E. R. de. (Org.) **Funcionalismo linguístico: análise e descrição**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 33-51.

TAVARES, M. A. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. **Interdisciplinar**. Ano VIII, 17, p. 27-47, 2013. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1312>>. Acesso em: jan. 2021.

TEIXEIRA, A. C. M. “Vamos lá” e “vá lá”: uma análise sob a perspectiva da gramaticalização de construções. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 40 (1), p. 47-59, jan-abr, 2011. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/download/1375/917>>. Acesso em: jan. 2021.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

VITRAL, L. O papel da frequência na identificação de processos de gramaticalização. **Scripta**. V. 9, n. 18, 149-177, 2006. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12599>>. Acesso em: jan. 2021.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

Recebido em 21 de fevereiro de 2021

Aceito em 12 de maio de 2021.

Publicado em 30 de dezembro de 2021.

SOBRE AS AUTORAS

Gessilene Silveira Kanthack é doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis-SC, Brasil. Realizou pós-doutorado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista-BA, Brasil. Professora titular (pleno) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus-Ba, Brasil, com atuação no curso de Graduação em Letras e vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (UESC), bem como ao Mestrado Profissional em Letras (Profletras/UESC).

E-mail: gskanthack@yahoo.com.br

ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0002-1352-436X>

Maria Alice Linhares Costa é mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus-Ba, Brasil. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista-BA.

E-mail: m.alicelinhares@hotmail.com

ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0003-1063-2514>